

CONCEIÇÃO EVARISTO E ROSANA PAULINO

VISITAM AS CELAS DE AULA

Oficinas pedagógico-feministas com homens Privados de Liberdade



Carla Rosângela Jacinto Martha Narvaz

“A minha voz ainda ecoa versos perplexos com
rimas de sangue e fome.”
Conceição Evaristo (2021, p. 24)

Equipe:

Texto: Carla Jacinto

Coordenação: Martha Giudice Narvaz

Editoração e capa: Camila Hein

Este ebook integra a pesquisa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - (PPGED/Uergs, elaborado por Carla Rosangela Jacinto, sob orientação da Profa. Dra. Martha Giudice Narvaz.

Foi desenvolvido a partir de oficinas realizadas com estudantes privados de liberdade (EPL) egressos e regulares das turmas do Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos - NEEJA Novos Ventos, no decorrer dos anos letivos (2024/2025), da Penitenciária Modulada Estadual de Osório/PMEO/RS. As produções artísticas são de autoria coletiva do grupo, envolvendo desenhos, recortes e colagens elaborados pelos estudantes e pela pesquisadora.



*Todos os direitos reservados.
© 1. ed. 2025 – Autores da Publicação e UERGS



Catalogação de publicação na fonte (CIP)

J12c	Jacinto, Carla Rosângela
Conceição Evaristo e Rosana Paulino Visitam as celas de aula: oficinas pedagógico-feministas com homens privados de liberdade/ Carla Rosângela Jacinto e Martha Narvaz- Osório: Uergs, 2025.	
38 f. E-book – PDF ISBN 978-65-5329-024-2	
Produto Educacional (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Mestrado Profissional em Educação, Unidade Litoral Norte - Osório, 2025.	
1. Artes visuais 2. Educação prisional. 3. ODS 4,5 e 18. I. Jacinto, Carla Rosângela. II. Narvaz, Martha. III. Título.	
CDU 37	

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Marcelo Bresolin CRB 10/2136

APRESENTAÇÃO

Este Ebook é fruto da dissertação de Mestrado Profissional inscrita na Linha 2 - Artes em Contextos Educacionais, do PPGED/ Uergs, e articula literatura, artes visuais e educação prisional. O objetivo da pesquisa foi contribuir ao enfrentamento das diversas formas de violência contra as mulheres, bem como ao direito à educação e ao letramento literário de homens privados de liberdade por meio da fruição estético-imagético-literária das obras de Conceição Evaristo e de Rosana Paulino. A proposta alinha-se ao Plano Estadual de Educação para Pessoas Presas e Egressas do Sistema Prisional (2021-2024), à Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003) e à Lei 14.164/2021 (Brasil, 2021), bem como aos ODS 4 - Educação de Qualidade, ODS 5 - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas e ODS 18 - Promoção da Igualdade Étnico-Racial, da Agenda 2030 (IPEA, 2024a, 2024b). A dissertação, em sua íntegra, bem como este Ebook estão disponíveis no Repositório Institucional da Uergs (<https://repositorio.uergs.edu.br/>).

Partindo da experiência da professora-pesquisadora na educação prisional, foram cartografadas práticas desenvolvidas por meio de oficinas com homens privados de liberdade na Penitenciária Modulada Estadual de Osório /RS. As oficinas envolveram cerca de 60 homens, com idades entre 18 e 70 anos, realizadas quinzenalmente, com duração de 90 minutos, totalizando cerca de 22 encontros ao longo do ano de 2024. Acompanhada de Conceição Evaristo, Rosana Paulino, Martha Narvaz e Paola Zordan, entre outras, faz-se uma bricolagem de procedimentos, tais como colagens, desenhos, leituras performáticas, textos e imagens. As práticas cartografadas apontaram para a potência das oficinas, que mobilizaram afetos a partir dos encontros dos participantes com os textos e imagens aí veiculados, incidindo em novas formas de (re)pensar não somente as mulheres e as violências por elas sofridas, mas também a si mesmos. Convidamos aos leitores e leitoras a participar desta jornada, que pretende inspirar práticas sensíveis e criativas em educação.

Eu-Mulher

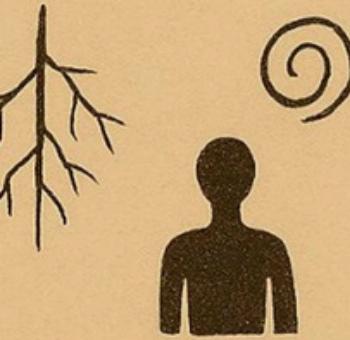
Uma gota de leite me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos inauguro a vida.
Em baixa voz violento os tímpanos do mundo.
Antevejo. Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher abrigo da
semente
moto-contínuo do
mundo.

Conceição Evaristo (2021, p. 23)



Fonte: autora, 2024. Desenho realizado por EPL na Oficina Mulheres

Este poema nasceu em silêncio - mas gritou quando precisava. Escrevê-lo foi um ato coragem; dizer que, apesar do mundo lá fora, ainda me encontro aqui, dentro.



Este poema nasceu em silêncio - mas gritou quando precisava. Escrevê-lo foi um ato coragem; dizer que apesar do mundo lá fora, ainda me encontro aqui, FRAGMENTOS DE LIBERDADE



FRAGMENTOS DE LIBERDADE

Carla Jacint

BUSCO EM MIM

Busco em mim emoções, sentimentos Observo caminhos tortuosos Pois,a sociedade nos impõe modos de viver que por vezes nos corrompem Busco em mim... O que há de melhor ? Ou quem sabe o pior? No entorno,olho para o além Busco em mim ... Um momento,uma fonte um jeito de fazer ou até mesmo resolver Aquilo que observo Busco em mim ... Um resquício de humanidade, de bondade Sem nenhuma maldade, falsidade... Em todo momento crucial Busco em mim... Resquício de sabedoria, empatia Até mesmo verdade. Na tentativa de um sentimento de bondade. Enfim , Busco em mim ... Liberdade de expressão e de criação E uma vontade de inventar outros mundos.

Carla Jacinto, 2024

Ao mundo
Ao pensar o mundo
Me distraio
Penso, saio
Ao olhar o mundo
Me atrapalho
Celas, salas, jaulas
Celas de aula? Salas de jaula?
Grito, sussurro, murmuro
Lamento todo contexto falho
Ao falar ao mundo
Clamo, ralho
Trago toda intensidade de um desejo libertário.

Carla Jacinto, 2024



Fonte: rosanapaulino.com.br Rosana Paulino: biografia e trajetória -
ArteRef-2023

**Quando eu morder a palavra, por favor, não me apressem,
quero mascar, rasgar entre os dentes, a pele, os ossos, o tutano
do verbo, para assim versejar o âmago das coisas.**

Conceição Evaristo (2021, p.121)



Sem título, 2016. Impressão sobre tecido, ponta seca e costura 58 x 89,5 cm

Da série Atlântico Vermelho - Galeria Superfície
<https://galeriasuperficie.com.br/exposicoes/rosana-paulino-atlantico-vermelho/>

Atlântico Vermelho, de Rosana Paulino (2026)



A série foi criada em 2016 e aborda o legado da escravidão e a violência histórica contra os corpos negros, especialmente das mulheres.

Paulino utiliza técnicas como impressão sobre tecido, ponta seca e costura para construir composições que evocam o mar como espaço de travessia e trauma - o "Atlântico tingido de sangue" do tráfico escravista.

Disponível em: <https://galeriasuperficie.com.br/exposicoes/rosana-paulino-atlantico-vermelho/>

Fluxograma das Oficinas Pedagógico-poéticas Feministas

[Planejamento das Oficinas]

[Seleção de Temas]

- |- Identidade e Ancestralidade
- |- Literatura e Escrevivência (Conceição Evaristo)
- |- Artes Visuais e Memória (Rosana Paulino)
- |- Gênero e Violência contra as Mulheres e Legislação Pertinente

[Preparação de Materiais]

- |- Textos literários
- |- Imagens artísticas
- |- Materiais para colagem e desenho

[Metodologias Utilizadas]

- |- Bricolagem (colagens, desenhos, textos)
- |- Leituras performáticas, escritas de cartas
- |- Rodas de conversa

[Participação dos EPL]

- |- Cerca de 60 homens
- |- Idades entre 18 e 70 anos
- |- Encontros quinzenais (90 min cada)
- |- Total de 22 oficinas em 2024

[Realização dos Encontros que integram as Oficinas]

[Resultados e Reflexões]

- |- Mobilização de afetos
- |- Identificação com textos e imagens
- |- (Re)pensar relações de gênero e violências

[Produto Educacional]

- |- *Conceição Evaristo e Rosana Paulino visitam as Celas de Aula*
- |- Oficinas pedagógico-feministas com homens privados de liberdade





Objetivos das oficinas:

- Criar possibilidades, no contexto prisional, de enfrentamento às violências contra mulheres com homens privados de liberdade, trabalhando legislação pertinente à temática;
- Propor oficinas artísticas-literárias-imagéticas de desconstrução de estereótipos de gênero, produtores de diversas formas de violência contra as mulheres.
- Experimentar outros modos de fazer docência nas celas de aula, articulando literatura, artes e educação.
- Oportunizar o letramento literário e a fruição estética de estudantes privados de liberdade.

Estudantes privados de liberdade participantes das Oficinas

Grupo Gella: estudantes ex-estudantes da escola que já concluíram Ensino Fundamental e Médio V3A (Faccionados, ainda permanecem privados de liberdade); 15 componentes do grupo de estudos entre 19 e 40 anos; Maioria são brancos, apenas dois homens negros; Organização para a origem do grupo de estudos foi iniciativa dos participantes; Encontros Quinzenais (quartas-feiras à tarde).

Estudantes privados de Liberdade: Foram desenvolvidas oficinas à noite dos módulos V1A e V1B - turmas do Núcleo Estadual de Educação de Jovens e adultos Novos Ventos (NEEJA). São trabalhadas as temáticas sobre Mulheres no mínimo uma vez ao mês; 32 Estudantes Privados de Liberdade (EPL) de 20 a 73 anos; Maioria brancos, apenas 2 negros.

V1A tarde: 12 estudantes do turno da tarde - turma do NEEJA (30 a 65 anos), presos por crimes sexuais, Maria da Penha, Violência doméstica, Feminicídio; Foram trabalhadas temáticas sobre Mulheres no mínimo uma vez ao mês.

Turmas restantes do NEEJA Novos Ventos
Foram realizadas oficinas de sensibilização sobre o tema no Ensino Fundamental e Médio.

1º Encontro: “Escrevências e Corpos Reexistentes”

Para embasar a discussão nesta oficina sobre empoderamento das mulheres e meninas e as complexidades das relações de gênero no contexto atual, recorri à lei 14.986/2024 (Brasil, 2014) - que busca promover a valorização das experiências femininas na educação básica - e intelectuais e artistas que trazem estas questões em suas obras, no caso, Rosana Paulino e Conceição Evaristo. Foram trabalhados o conto “Insubmissas lágrimas de mulheres”, de Conceição Evaristo e a obra “Assentamento”, de Rosana Paulino, que abordam apagamento histórico, ancestralidade e reconstrução subjetiva.

Abertura e contextualização: Apresentar a Lei 14.986/2024 e discutir sua importância.

Leitura compartilhada do conto de Evaristo e exibição da obra de Rosana Paulino.

Roda de conversa: Quais mulheres fizeram história em nossas vidas? O que essas imagens dizem sobre as mulheres negras? Que histórias contam?

Produção de colagens, desenhos ou textos inspirados nas obras e contos. Cada participante escolhe uma mulher histórica ou pessoal para homenagear. Podem escrever um poema, um conto, escrever uma carta para ela ou fazerem uma colagem ou desenho. Faz-se a montagem de um mural com os trabalhos.

2º Encontro: Duzu-Querença

Temas centrais: violência de gênero e racializada; precariedade econômica; deslocamento urbano; memória e transmissão intergeracional; resistência cotidiana e dignidade em contextos de exclusão.

Dinâmica: Cada componente escolhe um objeto pessoal dentro de uma caixa surpresa apresentada pela oficineira (um livro, um pano, uma imagem, um amuleto, chave...) que chamou a atenção e compartilha brevemente o significado da escolha. Início a oficina com a performance literária do conto "Duzu-Querença" e a entrega de trechos do conto aos estudantes. Logo após, apresentam-se as obras Bastidores e Paredes de Memória, de Rosana Paulino. Em seguida, dá-se início à roda de conversa e, para finalizar, cada participante escolhe uma palavra para expressar uma síntese do encontro, ou algo que o afetou, fez sentir ou pensar.



Fonte: Fotomontagem da autora, 2025

“E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África, vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias.

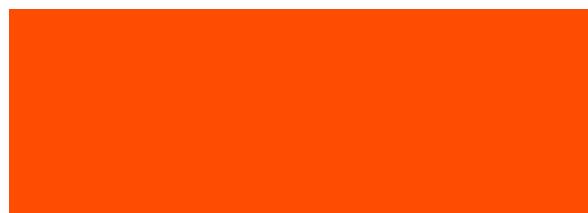
Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?"
Conceição Evaristo (2016, p. 18)

3º Encontro: Colagem da Memória

Técnica: Colagem em portfólio literário (símbolo de "guardar" e "proteger" histórias). Materiais: revistas, tecidos, linhas, retratos antigos, folhas secas.

Primeiro momento: conversa dirigida sobre a oficina anterior, troca de ideias sobre o assunto, um dos hábitos construídos com o grupo.

Proposta: Criar um livro- memória coletivo com uma personagem inspirada nas obras apresentadas.

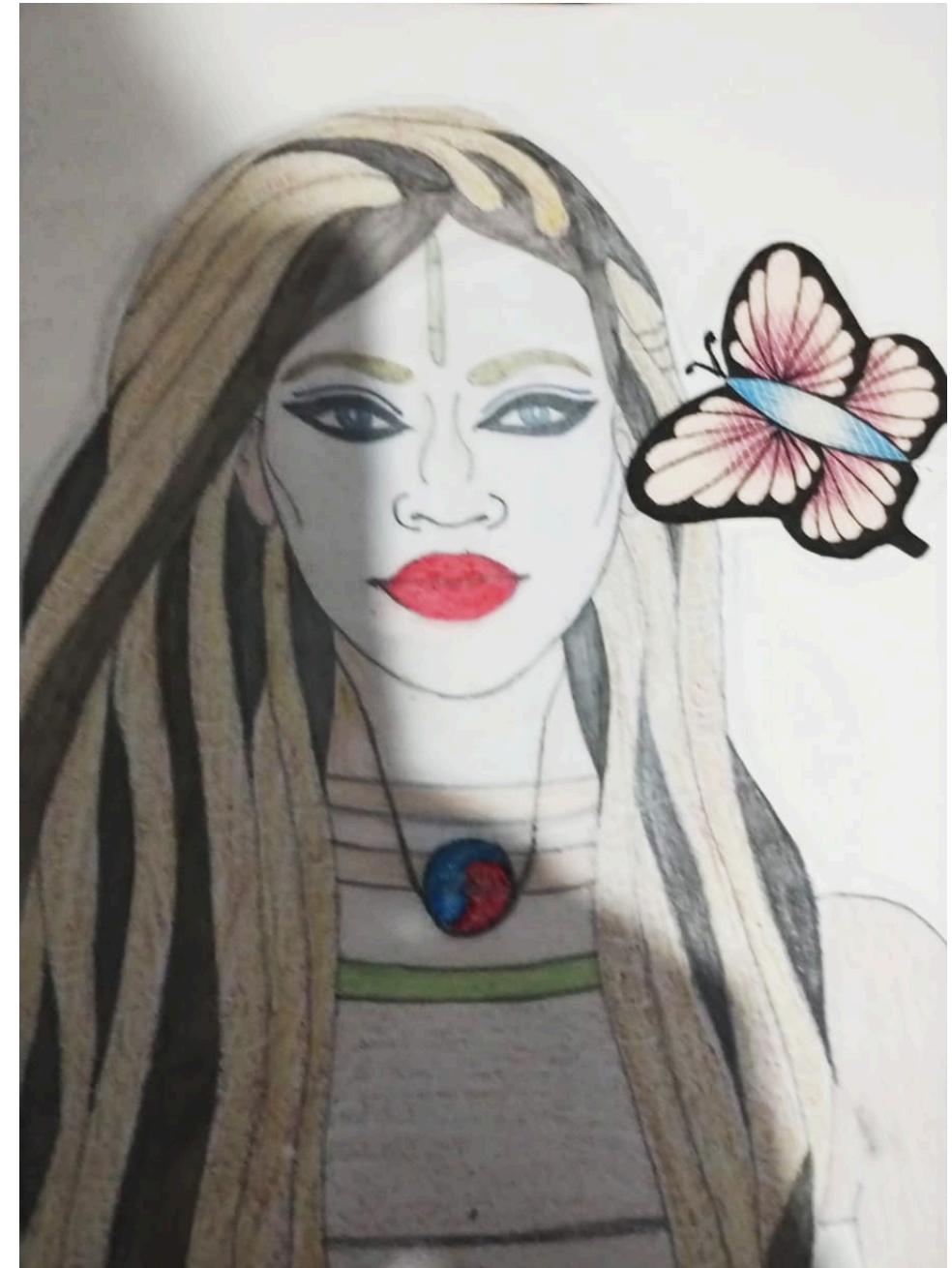


Fonte: autora, 2024. A força das Yabás Ilustração e colagem Carla Jacinto.

4º Encontro: Microconto Afetivo

Performance Literária: Entrega do conto impresso para o grupo.

A partir do conto impresso “Duzu-Querença” entregue para o grupo, escrever um texto curto em primeira pessoa, como se a personagem da colagem contasse sua história. Por exemplo: “Eu carrego o cheiro do café queimado da minha avó. Ele me lembra que sobrevivi. Guardei o pó num saquinho e costurei no peito”; “Lembro da minha mãe fazendo bolinhos de chuva, consigo sentir o aroma ao fechar os olhos.”

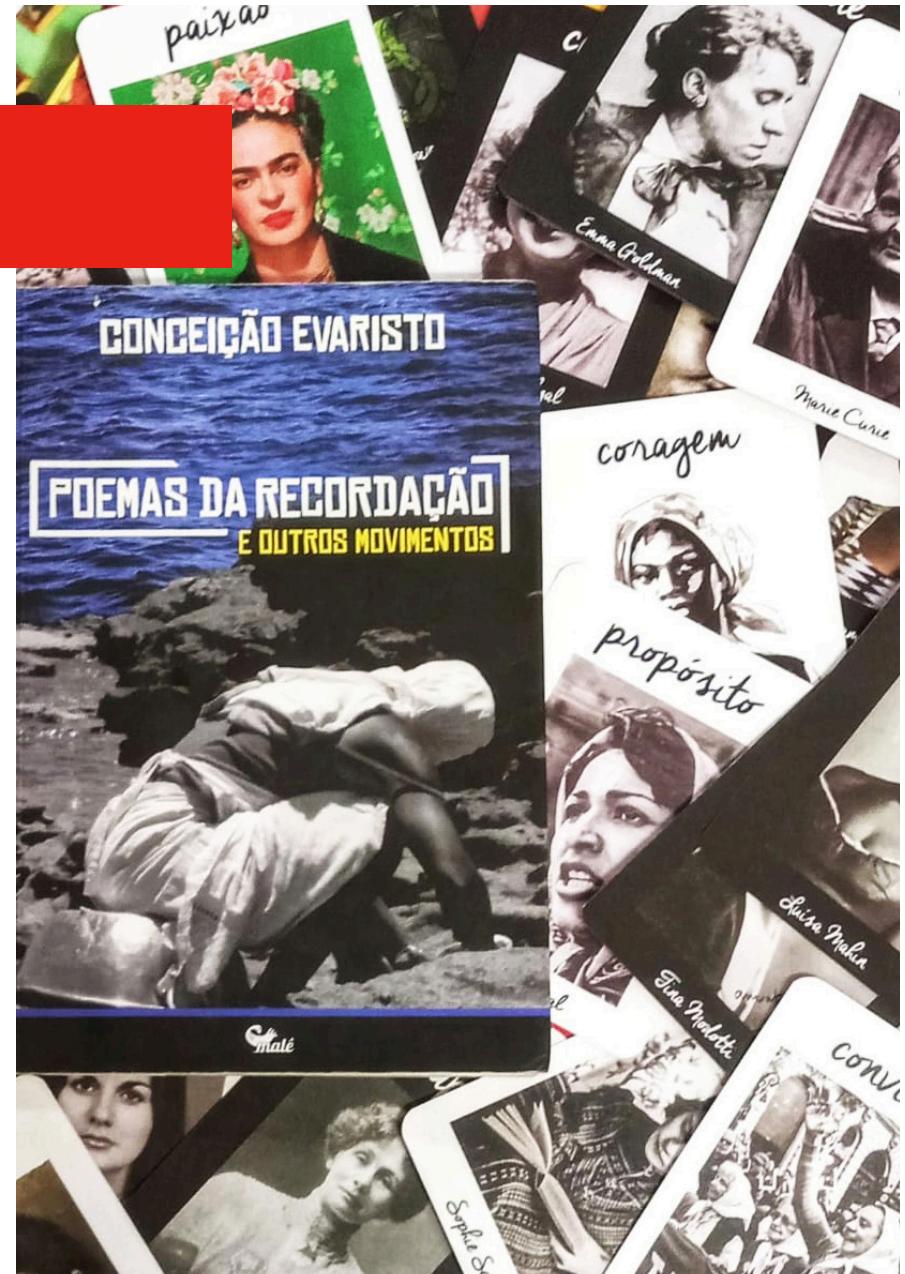


Fonte: autora, 2024. Desenho e colagem realizado por EPL.

Nós, mulheres

Um grito, ressoa
A cada sentir
Na calada da noite
Nos muitos “Ais”
Em muitas de nós... Um
grito, ecoa
A cada punir
Nas muitas marcas
Em nossos corpos
Em muitas de nós... Um
grito ,murmura
A cada fingir
Das violências sofridas
Em muitas de nós...
Um grito, compartilha
A cada corpo violado,
manchado de sangue
Em muitas de nós...
Um grito, em silêncio
Abafado Silenciado
Em muitas de NÓS...

Carla Jacinto, 2024



Montagem com cartas do Oráculo Mulheres e seus Poderes de Transformação (Ana Rita Mayer, 2024) e capa do livro Poemas de Recordação e outros Movimentos, de Conceição Evaristo, 2021.

5º Encontro: Maria “Costurando o Coletivo”



Confira o áudio conto Maria em

<https://youtu.be/YGfEXWwzirE>

Temas centrais: Interseção entre gênero, raça e classe: mostra como a opressão se materializa na vida cotidiana; Memória e trauma: lembranças que não se fecham e que moldam escolhas e afetos; Dignidade e resistência cotidiana: pequenas ações e afetos que mantêm a subjetividade diante da exclusão; Violência simbólica e material: exploração laboral, humilhação pública e precariedade.

Para embasar a discussão nesta oficina sobre violência contra mulheres e as complexidades das relações de gênero, ainda no contexto atual, recorri à lei 11.340/06 e ao conto “Maria”, de Conceição Evaristo. Foi apresentado o audioconto por mim desenvolvido e depois uma roda de conversa sobre os afetamentos produzidos.

Ao final, os EPL realizaram produções diversas como desenhos, pinturas, colagens e montagens.



Fonte: autora, 2024. Morte de Maria.
Desenho elaborado por EPL no Encontro Maria



6º Encontro: Cartografia Afetiva

Conversa direcionada à lei 11.340/06 - Maria da Penha - Partilhando memórias através de relatos. Atividade em grupo: Criar um mapa-collage em papel kraft com: Lugares de poder feminino (ex.: a feira, o banheiro de balada, o ponto de ônibus). Frases de Evaristo recortadas em letras de revista (ex.: “A gente se compõe no outro”). Imagens das obras de Rosana Paulino.

Sugestão: recortes de fragmentos de contos, poemas, artes em geral de Conceição Evaristo e Rosana Paulino, na produção de mensagens poéticas para distribuição em locais públicos para sensibilização.



Fonte: Fotomontagem da autora, 2025.

7º Encontro: Lambe-Lambe Literário

Cada participante faz um cartaz-colagem com seu microconto e imagens, para ser colado em um espaço público (ou fotografado e compartilhado online no Instagram da escola sem foto dos participantes). Materiais (baratos e acessíveis) Caixas de sapato/ovo, retalhos de tecido, linhas coloridas. Revistas velhas, jornais locais, canetas hidrográficas. Cola branca, tesouras sem ponta, fita crepe. Opcional: Carimbo com tinta preta para frases de Evaristo. Trabalho com fragmentos de músicas. Toques Especiais (para fortalecer o vínculo): Ciranda de encerramento: Cada componente deixa uma palavra de força escrita no verso da colagem da outra. Playlist de fundo: Músicas citadas por Evaristo (ex Clementina de Jesus, Elza Soares) ou cantoras negras contemporâneas (Liniker, Luedji Luna). Carolina Maria de Jesus (diários) ou Grada Kilomba (arte decolonial). Também dá para fechar com um sarau das participantes. Obs: As oficinas devem ser um espaço interativo através de momentos de construções de memórias afetivas, os encontros foram regados a chá com broas de milho com o intuito da busca de momentos significativos no processo de sensibilização do grupo.



Fonte: autora, 2024. Desenho, recorte e colagem elaborado por Carla Jacinto e EPL .

8º Encontro: Oráculo Mulheres e Seus Poderes de Transformação

Discussão: Realização da dinâmica “Espelho de Poderes Femininos”, inspirada no Oráculo Mulheres e Seus Poderes de Transformação, de Ana Rita Mayer, artista e educadora que integra as Alianças Afetivas desta pesquisa (ver MAYER; NARVAZ, 2025). A atividade teve como objetivo promover o autoconhecimento, a escuta ativa e o reconhecimento das potências femininas através da conexão com mulheres históricas e suas qualidades transformadoras. A proposta inscreve-se no campo das metodologias feministas e cartografias afetivas, como dispositivos de sensibilização e deslocamento subjetivo.

Atividade prática: Roda de conversa sobre afirmações coletivas, onde cada um leu sua frase de poder em voz alta. As palavras reverberam no espaço como sementes lançadas em solo fértil. A dinâmica revelou-se como dispositivo de sensibilização e transformação, mobilizando memórias, afetos e forças internas. Ao conectar-se com mulheres que desafiaram normas e promoveram rupturas, os participantes puderam vislumbrar outras formas de existir, resistir e transformar.



Fonte: autora.

9º Encontro: Corpo, Território e Resistência

Discussão: O corpo negro na literatura de Evaristo e na arte de Paulino (ex.: A Costura da Memória e Bastidores, de Paulino). Como a costura aparece como metáfora de reparação e denúncia? Conversas sobre as Leis 10.639/2003 e 11.340/2006.

Criação: Colagem e bordado: Os participantes criam uma imagem ou texto bordado em tecido, inspirados em palavras-chave das obras discutidas (ex.: "dor", "cura", "raiz").



Fonte: rosanapaulino.com.br
Bastidores (1997)

10º Encontro: Ancestralidade

Temas centrais: raça, gênero, classe, ancestralidade, violência e modos de sobrevivência.

Leitura e análise de trechos de Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo Olhos d'Água, Becos da Memória e das obras de Rosana Paulino (Parede da Memória, Assentamento, Bastidores, Amefricana).

Criação: Cada participante descreve o que representou as leituras dos fragmentos e as imagens da obra de Paulino, logo após escreverá uma memória afetiva e um microtexto (inspirado na "escrevivência" de Evaristo).

Leitura de textos sobre ancestralidade em Evaristo (Histórias de Leves Enganos e Parecenças) e obras como Atlântico e Atlântico Vermelho, de Rosana Paulino

Atividade final: Construção de um "varal de memórias" coletivo, com textos, desenhos e bordados dos participantes, expostos como uma instalação.

Amefricana, Rosana Paulino, 2023



O título deriva da ideia de amefricanidade, cunhada pela filósofa Lélia Gonzalez, que propõe uma identidade coletiva afro-indígena latino-americana, em oposição às narrativas coloniais e racistas.

11º Encontro: Reconhecendo Presenças Femininas

Temas centrais: raça, gênero, classe, ancestralidade, violência e modos de sobrevivência.

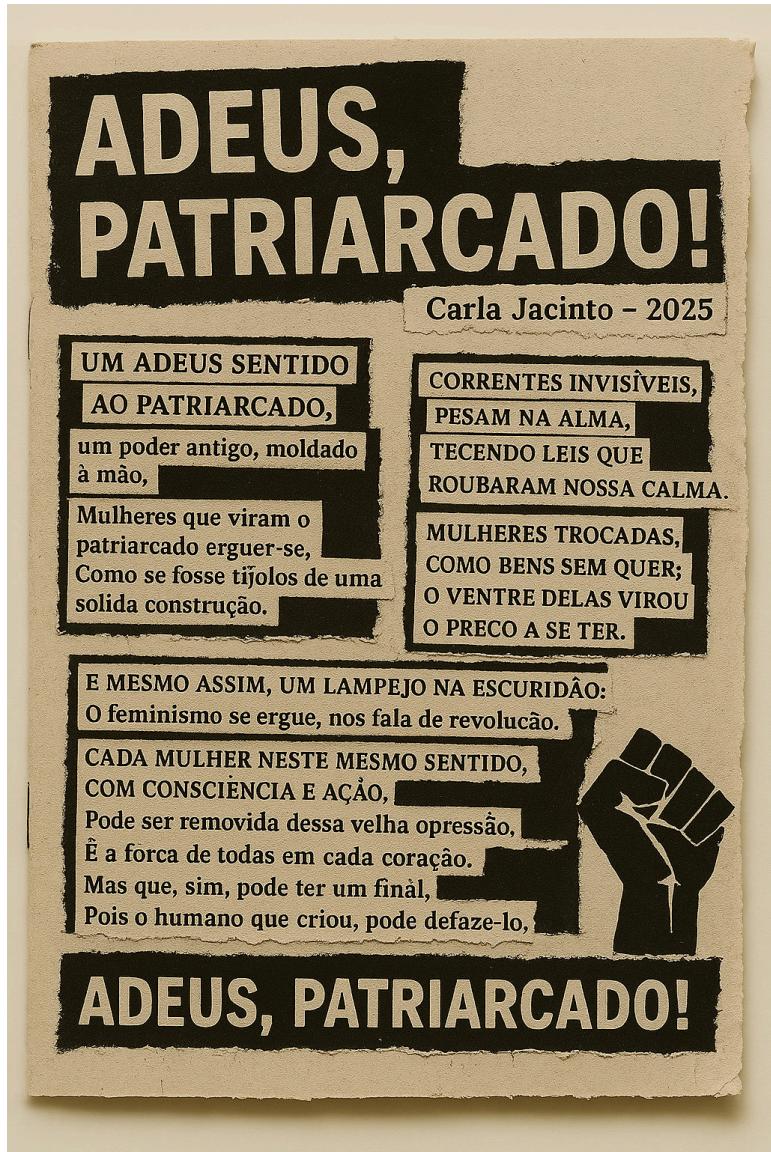
Criação: Cada participante descreve o que representou as leituras dos fragmentos e as imagens da obra de Paulino, logo após escreverá uma memória afetiva e um microtexto (inspirado na "escrevivência" de Evaristo).

Leitura de textos sobre ancestralidade em Evaristo (Histórias de Leves Enganos e Parecenças) e obras como Amefricana, de Rosana Paulino

Atividade final: Construção de um "varal de memórias" coletivo, com textos, desenhos e bordados dos participantes, expostos como uma instalação.



Sonhos. Desenho realizado por EPL, no Encontro Maria, 2024.



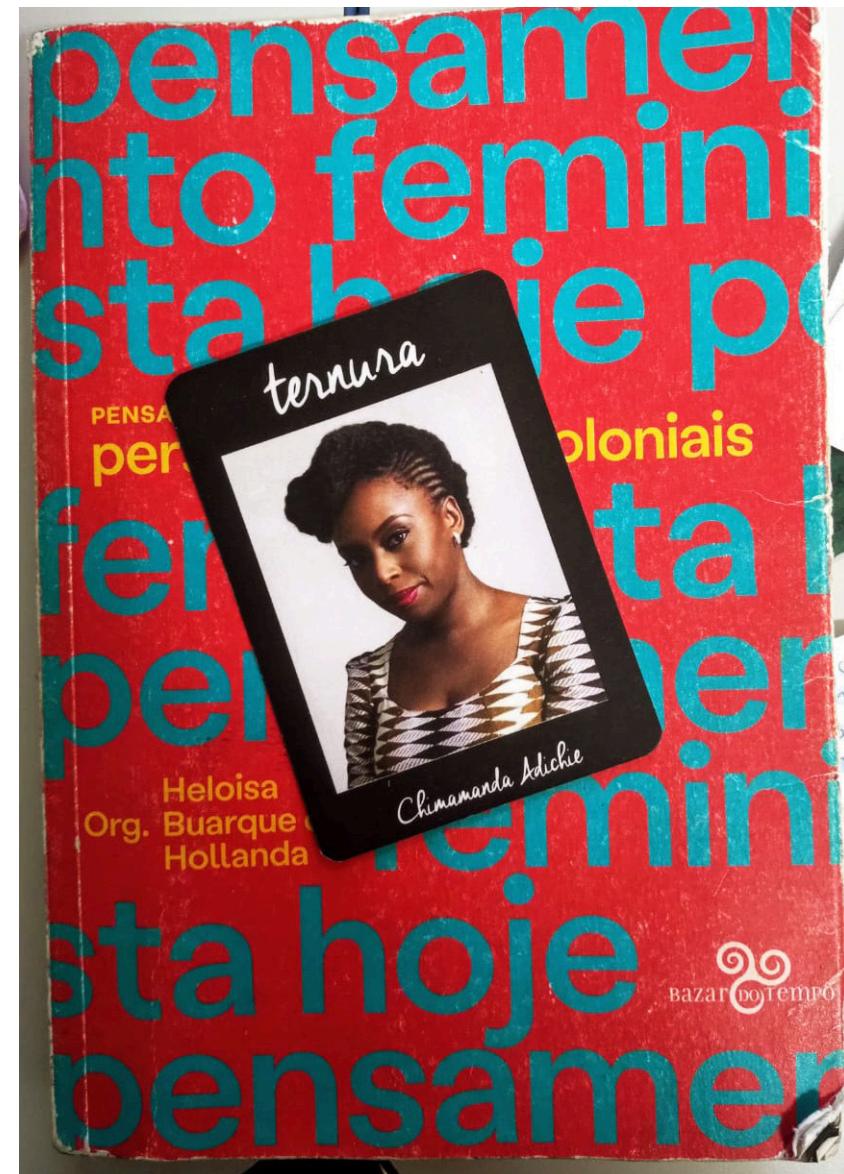
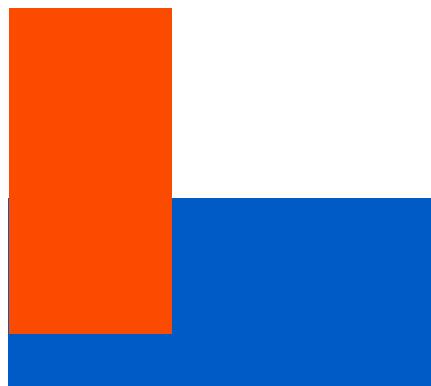
Um adeus ao patriarcado
Um poder antigo, moldado à mão,
Mulheres que viram o patriarcado erguer-se,
Como se fossem tijolos de uma sólida construção.
Não brotou da terra, nem do céu surgiu,
Mas da história, em silêncio, ele emergiu.
Correntes invisíveis, pesam na alma,
Tecendo leis que roubaram nossa calma.
Mulheres trocadas, como bens sem querer,
O ventre delas virou o preço a se ter.
Um aperto no peito, difícil de esquecer.
E mesmo assim, um lampejo na escuridão:
O feminismo se ergue, nos fala de revolução.
Cada mulher neste mesmo sentido, com consciência e ação,
Pode ser removida dessa velha opressão.
É a força de todas em cada coração.
Não é destino, nem verdade imortal,
É uma história que contaram, um discurso ancestral.
Mas que, sim, pode ter um final.
Pois o humano que criou, pode desfazê-lo,
Sem medo e sem dor, pode renascer ..
Um eco de vozes, ressoa e persiste,
O patriarcado não é um fado que insiste.
Para todas MULHERES
É um conto que reescrevemos, linha por linha,
Até que toda opressão encontre sua ruína
E, com isso, aos poucos definha...
E, soltasse um grito ,das vozes caladas:
“Adeus, patriarcado!”
Carla Jacinto, 2024

12º Encontro: Mulheres – Violência e Resistência

Discussão mediada: O papel da mulher na família e no cárcere: Como a prisão afeta mães, companheiras e filhas? O que significa ser “o homem da casa” atrás das grades?

Analisar trechos de “Ponciá Vicêncio” (Evaristo), obra na qual a personagem sofre violências de gênero.

Reflexão: “Como suas ações já machucaram ou fortaleceram uma mulher?” Rosana Paulino como referência (obras como Parede da Memória e Bastidores), discutindo sobre visibilidade, violência e resistência feminina.



Fonte: Fotomontagem da autora, 2025.

13º Encontro: Cartas e Colagens de Cura e Reparação

Opção 1 – Cartas para Mulheres Incríveis Escrever uma carta de reconhecimento ou pedido de perdão (não precisa ser entregue, é um exercício de reflexão). Frases-guia: “O que você nunca disse a ela?” “Como sua ausência afetou a vida dela?”

Opção 2 – Colagem da Memória Afetiva Criar uma colagem com recortes de revistas, tecidos e palavras, representando: A mulher que os inspira (ex.: mãe trabalhadora). Um momento em que falharam com uma mulher (para assumir responsabilidade).

14º Encontro: Encerramento: Compromisso Simbólico

Círculo de fala: Cada integrante compartilha um aprendizado da oficina.

Obs.: Fechamento regado a um bom chá com bolinhos.



Fonte autora,2024. Resistência. Desenho realizado por EPL.

Epílogo literário: Campanha “Me fala, mas não cala” – Vozes, Reparação e Resistência

O encerramento das oficinas pedagógico-feministas culmina na socialização das atividades como um gesto final que visa expandir os horizontes da escuta, da reparação e da resistência.

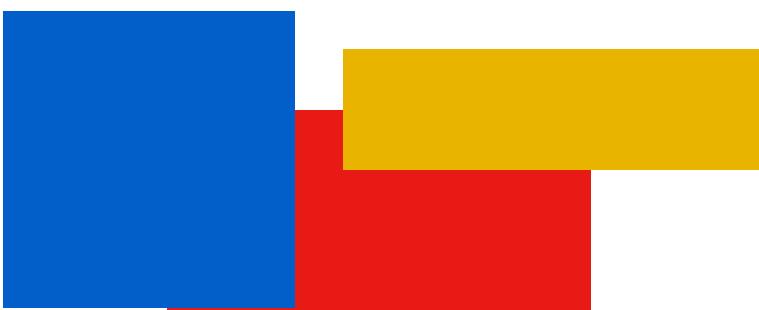
O trabalho em grupo resultou em ricas criações coletivas – cartas, colagens, rodas de diálogo e reflexões sobre a presença e a ausência feminina nas trajetórias das participantes. Desse processo, emergiu a proposta da campanha de sensibilização “Me fala, mas não cala”, direcionada à comunidade escolar e à sociedade em geral, transformando a experiência em ação - reação às provocações da pesquisa .

Etapas Conclusivas:

Validação Coletiva: Apresentação do protótipo do projeto (Calendário Mulheres + Buttons) aos participantes. Este momento crucial de escuta ativa garantirá os ajustes necessários e a aprovação coletiva das criações.

Produção e Identidade: Confecção dos buttons customizados, que carregarão frases autorais e imagens simbólicas, incluindo o slogan da campanha: “Me fala, mas não cala” – uma síntese de resistência, denúncia e afetamentos.

Lançamento da Memória: Lançamento do Calendário Mulheres 2026 (em versões online e físicas). A obra reunirá produções visuais, frases e homenagens elaboradas pelo grupo. Cada mês funcionará como um veículo de memória, representando uma mulher e um ato de reparação social.





Fonte: autora, 2025. Arte elaborada na Oficina Mulheres: Botons Me fala, Mas não cala. Campanha de sensibilização sobre violência contra mulheres que integram o produto educacional da pesquisa.

Calendário Mulheres, elaborado pelos EPL e pesquisadora



Formatura NEEJA Novos Ventos / 2025 na Penitenciária de Osório, em 13/08/2025. Lançamento do Calendário Mulheres e dos Botons desenvolvidos pelos EPL.



Considerações sobre a potência dos encontros

Nas oficinas, a troca de saberes e experiências, dores, perdas e tristezas é constante. Enquanto um escreve, o outro desenha. Quando um ri o outro expressa através da fala aquilo que sente. Há a oportunidade de debaterem, aprender, compartilhar, ouvir histórias, desenhar, enfim, o que muitos deles não puderam experimentar anteriormente. Aos poucos, brilha no olhar de cada integrante a delicadeza poética, e vai-se dando a (des)construção de uma subjetividade trincada, craquelada pela realidade social marcada por desigualdades e violências. Neste espaço carcerário, de discriminação, desigualdade e preconceito, inúmeras vezes fui questionada, não somente pela “sociedade lá de fora” mas também pelos estudantes: como consigo trabalhar com homens apenados questões como feminismo, feminino, falar sobre nossos corpos e direitos? Respondo que os vejo como estudantes, não como apenados, e que têm direito à educação e à fruição estético-literária, o que contribui para sua formação cultural e subjetiva pois a leitura é algo que nos transforma.

Em conjunto, tantas vezes, os poemas são escritos através de muitas mãos. Eu participo ativamente no processo, criando um laço de afetividade e parceria com esses sujeitos. Nos tornamos parceiros, companheiros, pesquisadores, escritores, poetas, artistas. A educação pode ser um espaço de criação e transformação, rompendo com as práticas tradicionais de transmissão de conhecimento para privilegiar novas formas de pensar e aprender, mesmo na prisão. É o que se experimentou ao longo das oficinas: misturas de conceitos, textos, imagens, poesias, produções artísticas diversas, minhas e dos estudantes privados de liberdade.

Trabalhar com poesia, literatura, e artes visuais provocou o desejo de criação, tanto da pesquisadora quanto dos estudantes privados de liberdade. (Re)criação inclusive de si. Combinando estudo de leis pertinentes às temáticas das violência contra mulheres e racismo, conceitos como gênero, relações de gênero, violências, racismo e patriarcado, entre outros, com cartografias afetivas, bordado literário, performance literária e colagem poética, fez-se uma bricolagem com diversas formas de expressão que incidiram em possibilidades de (re)construção subjetiva. A arte também cura, possibilitando processos de elaboração de traumas e reparação simbólica e a emergência de subjetividades insurgentes.

Cada oficina foi estruturada para incentivar a fruição estético-literária, a troca de experiências e a aprendizagem acerca de temas alusivos às violências contra as mulheres, possibilitando aos participantes repensar as relações de gênero e sua implicação nestes processos. Os estudantes foram reelaborando significados e narrativas não só sobre as mulheres, mas também sobre si, sobretudo em se tratando de questões de violência e opressão pelas quais eles, homens, também passam, sobretudo na prisão.



“É necessário falar mais sobre a questão da mulher com os homens desde cedo, se tivesse acontecido talvez não estaria aqui.”

“Todos os homens deveriam ler os contos de Conceição Evaristo. Aprendi muita coisa sobre as mulheres e as violências que elas sofrem.”

“A gente deixa de ir pro pátio tomar sol para vir aqui, participar das oficinas. Porque são coisas que a gente nunca pensou e nos faz muito bem”

Falas de Estudantes Privados de Liberdade durante as oficinas



Carta Aberta

Aos Meus Queridos Estudantes do NEEJA Novos Ventos,

Quando cheguei pela primeira vez à escola no presídio, confesso que entrei na sala com certo receio. Não sabia o que esperar de uma cela de aula, atrás das grades. Mas, no momento em que me dirigi a vocês, algo dentro de mim confirmou: ali estavam estudantes, como quaisquer outros, e meu papel era o mesmo de sempre — ensinar sem rótulos, sem julgamentos, acreditando no potencial de cada um. Desde então, nossa jornada tem sido de aprendizado mútuo. A cada aula, a cada oficina, vejo nos olhos de muitos de vocês uma centelha de curiosidade, uma vontade de ir além. Por isso, escolhi nunca perguntar o que os trouxe até ali. Prefiro conhecer vocês pelo que são hoje: pessoas que, apesar das circunstâncias, buscam conhecimento, trocam ideias e, juntos, transformam nosso espaço em um lugar de crescimento.

Sei que a realidade de vocês não é fácil. O corpo pode estar confinado, porém, como sempre digo, a mente é livre. O passado já foi escrito, o presente é este que vivemos juntos, mas o futuro? Esse ainda está nas mãos de cada um. E eu acredito — firmemente — que ele pode ser diferente.

Se dependesse de mim, usaria uma varinha mágica para aliviar as dores de vocês, para apagar todo sofrimento e abrir caminhos mais leves. Como não posso, faço o que está ao meu alcance: estar presente, ensinar com respeito e, acima de tudo, aprender com a força e a resiliência que vejo em cada rosto. Muitas vezes me pergunto se estou fazendo diferença. Mas quando recordo nossos momentos — as discussões, as risadas, aqueles “ah, agora entendi!” —, sinto que sim, vale a pena. Você me ensinaram mais do que eu poderia imaginar, e por isso sou grata.

Que Deus, os Orixás, os Espíritos de Luz (ou qualquer força em que vocês acreditem) iluminem nossos caminhos. E que, mesmo entre grades, a educação continue a ser uma porta para a liberdade — não só do pensamento, mas da alma. Chegamos juntos ao mestrado, pois cada linha, arte aprendizado, criação tem um pouco de cada um de vocês e de mim. E, quem sabe rumo ao doutorado, meu, nosso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 12 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.639/2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 6 nov. 2024.

BRASIL. Lei nº 11.340 /2006. de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm?form=MG0AV3 Acesso em: 6 nov. 2024.

BRASIL. Lei 11.645/2008. Altera a Lei 9394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira e indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/. Acesso em: 13 dez. 2020.

BRASIL. Lei nº 13.104/2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Diário Oficial da União. Brasília, DF, v. 172, n. 50, p. 1-2, 10 mar. 2015.

BRASIL. Lei 14.164/2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14164.htm. Acesso em: 18 out. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

MAYER, Ana Rita; NARVAZ, Martha. Oráculos na sala de aula: resistências criativas na educação. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 73–93, 2025

NARVAZ, Martha. De Lilith à Pombagira: literatura e arte para decolonizar corpos e mundos. **Literatura em Debate**, v. 15, n. 27, jul./dez. 2021.

PAULINO, Rosana. Rosana Paulino. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216153/rosana_paulino>. Acesso em: 16 nov. 2024.

ZORDAN, Paola Menna Barreto Gomes. Bricolagens, força, frágil. **Contemporânea**, Santa Maria, v. 3, n. 5, p. 01-12, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/contemporanea/article/view/45303>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SOBRE AS AUTORAS



Carla Jacinto é graduada em Letras – Inglês/Português (Facos, 2012) e especialista em Supervisão e Orientação Pedagógica (Facos, 2015 e 2017). Atua como professora de Linguagens no NEEJA Novos Ventos, na Penitenciária de Osório, desde 2017, e na EMEF José de Anchieta desde 2022. Desenvolve projetos de ensino, pesquisa e extensão com foco interdisciplinar, articulando estudos de gênero, trabalho em grupos, arte e educação. Seus temas de atuação incluem gênero, corpo, sexualidade, mulheres, feminismos, violências, direitos humanos, diversidades, modos de subjetivação e práticas antirracistas e feministas. É mestranda na linha Artes em Contextos Educacionais do PPGEdu/UERGS, onde investiga resistências femininas aos cânones patriarcais e colonialistas, com interesse nas artes e nos artivismos como dispositivos pedagógicos para inventar outros modos de performar o feminino, bem como refletir sobre a construção da masculinidade na contemporaneidade. Palestrante sobre questões sociais e contadora de histórias, utiliza a performance literária como método de ensino. ORCID: 0009-0006-3752-4360. E-mail: carla-rjacinto@uergs.edu.br.



Graduada em psicologia (PUCRS, 1987), mestre e doutora em psicologia (UFRGS, 2005, 2009), concluiu estágio pós doutoral em educação junto ao departamento de artes visuais (UFRGS, 2020) sob supervisão da profa. dra. Paola Zordan (UFRGS). Especialista na área da violência doméstica (USP, 2000), tem sua trajetória profissional e acadêmica marcada pelas epistemologias feministas e estudos de gênero, com especial ênfase no enfrentamento das violências de gênero sofridas por mulheres e meninas. professora adjunta na universidade estadual do rio grande do sul Uergs desde 2010, é líder do grupo de pesquisa Cnpq “Gênero e Diversidades” e membro do grupo “Arte, Corpo Ensigno” (PPGEDU/Artes Visuais/UFRGS). Desenvolve projetos de ensino, pesquisa e extensão com enfoque interdisciplinar, articulando estudos de gênero, arte e educação. Atua principalmente nos seguintes temas: gênero, corpo, sexualidade, mulheres, feminismos, violências, direitos humanos, diversidades, modos de subjetivação, práticas antirracistas e feministas. Integra a linha de pesquisa Artes em Contextos Educacionais do PPGED Uergs. Investiga os processos de resistência feminina aos cânones patriarcais e colonialistas de gênero, com especial interesse nas artes e artivismos como dispositivos pedagógicos de invenção de outros modos de performar o feminino. ORCID 0000-0001-8430-9483. Email: martha-narvaz@uergs.edu.br



uergs
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

P P G E d

Programa de Pós-Graduação em Educação